

Estatísticas escondem caos na saúde

Falta de ambulâncias, aparelhos e remédios traduz a realidade enfrentada pela população

REBECA KRITSCH

As animadoras estatísticas de multiplicação de leitos, hospitais, consultas e postos de saúde, constantemente propagandeadas pela Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo, não traduzem completamente a realidade do atendimento que a população recebe. Enquanto o secretário José Aristodemo Pinotti termina a década contabilizando uma ampliação recorde da rede em sua gestão, funcionários avaliam que a saúde vive seus piores dias.

Segundo o Centro de Informações da Saúde (CIS) da secretaria, o número de consultas, entre 80 e 89, aumentou de 4.405.009 para 22.753.240. O total de pacientes internados, em 89, ficou em torno de 363 mil, nos hospitais públicos. A.V., de 23 anos, diabético, é um desses números. Consulta e internação, no caso dele, significa percorrer dois hospitais e conseguir uma maca sem colchão, com uma caixa de pepelão como travesseiro, no corredor do tumultuado Pronto-Socorro do Complexo Hospitalar do Mandaqui. "O atendimento aqui é bom. Uma médica já veio me ver hoje e eu estou me sentindo bem agora", disse. A.V. teve uma crise aguda de diabete na quarta-feira e deveria estar tomando glicose a 10%, mas estava recebendo glicose a 5%, o único tipo que havia no PS.

Alguns minutos antes A.V. havia sido acordado com o arrombamento da porta próxima de sua maca. Um garoto de 16 anos destrancou a porta com um pontapé e entrou carregando nos braços um rapaz, coberto de sangue, que ele acabara de baleiar no pescoço. O rapaz ferido foi colocado na sala de emergência, mas não pôde ser atendido de imediato porque não havia aspirador de secreções. O aparelho só chegou 20 minutos depois e foi re-



Paulo Vitale/AE

Pronto-socorro do Mandaqui: macas sem colchão, falta de aparelhagem e de ambulâncias

tirado de um outro doente. "Você vê o paciente morrer na sua cara por falta de ambulância, de aparelho", desabafa Elcio Ambrósio, um dos médicos que percorreu o hospital em busca do aspirador. "Nós achamos que agora a saúde está no fundo do poço."

O Mandaqui é uma vítima da implantação defeituosa do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds): em 88, com a instalação do Escritório Regional de Saúde, os hospitais particulares credenciados pelo Inamps deixaram de atender aos assegurados, quadruplicando o número de pacientes do Mandaqui. O pronto-socorro do hospital pertence à Prefeitura, e o restante, ao Estado.

"O paciente não é municipal, estadual ou federal. Se a prefeitura não dá apoio ao PS, nós temos de dar", reclama a diretora do Mandaqui, Maria da Graça Longuino.

A situação não é muito diferente onde a municipalização já foi feita. O Centro de Saúde 2, de Carapicuíba, até abril deste ano sofria de escassez de material e pessoal, segundo os funcionários que não quiseram se identificar. Coincidentemente, com o início da campanha eleitoral, a prefeitura contratou pessoal e renovou os estoques. Mesmo assim, na sexta-feira à noite só havia oito funcionários trabalhando. O ideal seria 25, segundo José Carlos Lima, encarregado do posto.